



---

## A ANÁLISE DO DISCURSO APLICADA NA LETRA DA MÚSICA ‘ATÉ QUANDO?’ DE GABRIEL O PENSADOR<sup>1</sup>

Joseane Silva Pinto\*

Rosecler Silva Pinto\*\*

### RESUMO

O presente artigo consiste em um breve estudo à luz da teoria da Análise do Discurso onde tem por objetivo analisar a música intitulada **Até Quando?** do rapper, Gabriel O Pensador. Nos ateremos a aspectos da música como ideologias e interdiscursividade, elementos constituintes de um discurso direto, cuja a intenção é a persuasão do indivíduo receptor, a um deslocamento do lugar cômodo para um espaço onde seja produtor da história e não um produto social manipulável. O discurso de Gabriel indaga sobre o lócus discursivo dos indivíduos, e faz com que o sujeito que ouve sua música reflita seu papel social.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Ideologia. Interdiscursividade. *Rap*. Eni Orlandi.

### 1 INTRODUÇÃO

A produção de um discurso pressupõe um processo dialético, na medida em que outros discursos vão sendo projetados em seu interior, e nesse sentido, a linguagem opera como instrumento de interação. Nessa interação, as ‘formações imaginárias’ designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (BRANDÃO, 1991, p.34).

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir do trabalho apresentado à disciplina de **Análise do Discurso: a linguagem no contexto Social**, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2011, sob a orientação da professora Dra. Tânia Pitombo de Oliveira.

\* Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2006. cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

\*\* Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2006. cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

Essa multiplicidade de vozes presentes no discurso ocasiona uma ruptura com a homogeneidade, revelando o caráter heterogêneo do discurso, o qual apresenta as contradições do sujeito enunciador que “[...] diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.” (ORLANDI, 2003, p.32). Considerando-se que “[...] não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos” (ORLANDI, 2003, p.9), o sujeito enunciador, ao emitir seu discurso, produz efeitos de sentido diversos e acaba por formular sentidos que fogem ao seu controle.

Teremos como corpus de análise a música **Até Quando?** do cantor e compositor Gabriel O Pensador. A música faz parte do 5º álbum de estúdio do Rapper, intitulado: **Seja você mesmo (Mas não seja sempre o mesmo)** lançado em Setembro de 2001. Desde a sua estréia em 1992, com o álbum: **Tô feliz (matei o presidente)**, censurada pelo Ministério da Justiça pouco antes da renúncia de Collor. Gabriel, O Pensador gravou sete álbuns e um DVD, somando mais de dois milhões de cópias vendidas no Brasil e abrindo as portas para o *rap* lusófono também em Portugal, Angola, Cabo Verde e outros países. O criador de **Cachimbo da Paz, Até quando?** e **Palavras Repetidas** é também autor de dois livros: **Diário Noturno** (ed. Objetiva) e **Um garoto chamado Roberto** (ed. CosacNaify), que recebeu o prêmio Jabuti de melhor livro infantil de 2006.

## 2 ANÁLISE DO DISCURSO E IDEOLOGIA

Análise do Discurso de matriz francesa foi fundada em 1969 por Michel Pêcheux e Jean Dubois, sinalizando um tripé de interfaces entre a linguística, o marxismo e a psicanálise, onde a psicanálise de Lacan, **O inconsciente é estruturado em linguagem**, procurava estudar como se define o homem, a linguística de Saussure, se preocupava em estudar apenas a estrutura da língua e o marxismo que deu sua contribuição com a teoria daquele que oprime, denuncia as camadas sociais, exige um discurso diferente nesses espaços sociais na história considerada sua participação de importância fundamental para análise dos discursos.

Portanto, a Análise do Discurso é uma área da Linguística que tem como objeto de estudo a língua em movimento, que produz sentido enquanto prática. Procura também entender não só a palavra, mas o contexto social, o espaço em que ocorre o discurso e seus efeitos de sentidos. A língua em funcionamento, o jogo tenso das relações de poder entre as classes e o inconsciente serão estruturantes para compreender “[...] um processo de

significação no qual estão presentes a língua e a história, em suas materialidades, e o sujeito, devidamente interpelado pela ideologia.” (ORLANDI, 2006, p.16).

Ainda segundo Orlandi (2006, p.17):

O discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso. Desse modo temos a relação entre língua e ideologia afetando a constituição do sujeito e do sentido. Resta dizer que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo. É pelo fato mesmo de dizer que o sujeito se diz, se constitui.

Dessa forma, é possível afirmar que a ideologia resulta de uma prática social, portanto não é subjetiva, é de fato o mecanismo que produz evidências e naturaliza sentidos para o sujeito a partir da posição que ele ocupa.

Pêcheux (1997, p.160), afirma que:

[...] é a ideologia que, através do “hábito” e do “uso, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser, e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de “retomada do jogo”. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

A ideologia segundo Souza (2008, p.40) se apresenta de forma invertida, se considerar que cada classe social deveria representar o seu próprio modo de existência de acordo com as experiências vividas no interior das relações sociais de produção; ou seja, as ideias que deveriam estar nos sujeitos sociais e em suas relações sociais determinadas pela realidade do processo histórico, são tomadas como determinantes dessa mesma realidade.

Ainda M. Pêcheux (1969, apud ORLANDI 2005), diz que o discurso mais do que transmissão de informação (mensagem) é efeito de sentidos entre locutores. O discurso político, por exemplo, pode ser um campo onde vários discursos semelhantes se alojam. Esses discursos se assemelham pelo objeto de suas análises, embora possam ter divergências quanto à interpretação do mesmo.

### **3 A LINGUAGEM, O SUJEITO E O SENTIDO**

Na ótica da Análise do Discurso, a linguagem não é um simples instrumento de comunicação ou de transmissão de informação. A linguagem é o lugar de conflitos e confrontos, pois ela só pode ser apanhada no processo de interação social. Não há nela um

repouso confortante do sentido estabilizado. Essa visão da linguagem como interação social, em que o Outro desempenha papel fundamental na constituição do significado, integra todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o linguístico e o social.

Pechêux (apud Brandão 1993, p. 62), afirma que a constituição do sentido é socialmente construída. A aparente monossêmia de uma palavra ou enunciado é fruto de um processo de sedimentação ou cristalização que apaga ou silencia a disputa que houve para dicionarizá-la. “O sentido não existe em si mesmo. Ele é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo histórico no qual as palavras são produzidas” (CARNEIRO; CARNEIRO, 2017, p. 58). Por isso, o sentido é alvo do exercício do poder, principalmente em sociedades cujos governos são autoritários.

Nos discursos oficiais, o sentido é atravessado por paráfrases, o mesmo é dito de várias formas para garantir que a monossêmia se naturalize.

Como afirma Fernandes (2005, p. 33), para compreendermos a noção de sujeito, devemos considerar, logo de início, que não se trata de indivíduos compreendidos como seres que têm uma existência particular no mundo; isto é, sujeito, na perspectiva em discussão, não é um ser humano individualizado, um sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo.

Segundo Orlandi (2005), para a Análise do Discurso, o sujeito do discurso é histórico, social e descentrado. Descentrado, pois é cindido pela ideologia e pelo inconsciente. Histórico, por que não está alienado do mundo que o cerca. Social, por que não é o indivíduo, mas àquele apreendido num espaço coletivo. “O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam”. (ORLANDI, 2005, p. 20).

#### **4 FOCANDO A ANÁLISE**

O *rap* – estilo musical nascido nos E.U.A, em meados das décadas de 80 e 90 – tem a denominação proveniente da expressão inglesa *RythimandPoetry* (ritmo e poesia), pois consistia em rimar palavras sobre uma batida eletrônica. Em seu berço, o *rap* era exclusivamente um estilo do povo negro, era a música do gueto, dos bairros negros de Nova Iorque. Nesse sentido, pode-se dizer que a exclusão social sofrida durante muitos anos pelos negros gerou a necessidade de união e, portanto, de constituir algo exclusivo e direcionado

para a realidade que vivenciavam: o *rap* era, ao mesmo tempo, diversão e denúncia, prazer e desabafo diante das dificuldades cotidianas.

Tal exclusividade, no entanto, ao longo dos anos foi diminuindo, e atualmente – tanto nos E.U.A quanto no mundo todo – o *rap* é um dos ritmos mais ouvidos. No Brasil, o *rap* chegou por influência norte-americana, porém, já não está restrito à realidade dos negros, pois ganhou caráter denunciativo e principalmente de crítica social.

Um dos maiores nomes do *rap* brasileiro, Gabriel O Pensador, diferenciou-se de boa parte de seus pares (e chegou a ser criticado por eles) por ser garoto branco e de classe média. Mas desde o começo fez das letras de sua música uma crítica social e moral, como acontece na música *rap*. Filho de jornalista, apareceu no fim de 1992, quando ainda era estudante de Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com a música **Tô Feliz (Matei o Presidente)**. O personagem da letra era Fernando Collor de Mello, que tinha acabado de renunciar ao cargo frente a um processo de *impeachment*.

Até quando você vai ficar usando rédea?  
Rindo da própria tragédia?  
Até quando você vai ficar usando rédea? (Pobre, rico, ou classe média).  
Até quando você vai levar cascudo mudo?  
Muda, muda essa postura  
Até quando você vai ficando mudo?  
Muda que o medo é um modo de fazer censura

Na análise da letra em questão, nos deparamos com uma forte crítica social, a temática ‘chama’ o sujeito receptor a um espaço discursivo do **Até Quando?**, fazendo com que o interlocutor reflita e questione-se de sua condição de acomodação e da não reação a fatos como educação, corrupção, saúde pública, entre outros. Onde está o povo que mesmo com toda repressão política, não deixavam de engajar uma luta contra as imposições postas na época da ditadura militar. Onde está o povo que fazia greve, que protestava nas ruas e os jovens que depuseram um presidente? O sujeito desta história é um sujeito que reconhece e sofre com os problemas sociais de seu país, mas que o aceita passivamente. É o estereótipo do cidadão inocente e que sofre. Afonso Romano, colunista do jornal **O Globo**, ao falar das músicas de Gabriel o Pensador, mais precisamente das músicas do álbum **Seja você mesmo (mas não seja sempre o mesmo)** volta na história para também fazer sua crítica e lembra do Centro Popular de Cultura (CPC), fomentado pela UNE no princípio dos anos 60 e diz:

Possivelmente Gabriel nunca ouviu aquele disquinho onde havia não só o histórico “Subdesenvolvido”, como outras canções de protesto, na voz até de cantores conhecidos, como Nora Ney. Acreditávamos que a música podia ajudar a fazer a

revolução. O diabo é que aquelas músicas não eram tocadas nas rádios, ao contrário dessas de Gabriel, que atravessam a zona sul e os subúrbios, agitam com requiebro e uivos os auditórios das televisões. A cultura de massa modificou-se tanto, que o próprio protesto virou artigo de consumo. (SANT'ANNA, 2001).

O recorte abaixo nos remete ao tempo discursivo do ano de 2000/2001, quando Sérgio Naya deputado federal, responsável pelo desabamento do prédio Palace II, na Barra da Tijuca (zona sul do Rio de Janeiro) foi solto depois de passar 26 dias detido e em maio de 2001 foi absolvido pela justiça. Os 33 PM's responsáveis por 21 mortes na favela de Vigário Geral, onde 21 trabalhadores foram brutalmente assassinados, entre eles estavam: cinco Metalúrgicos, três Gráficos, duas Costureiras, dois Comerciários, um Ferroviário, um Motorista, um Servidor Público da Saúde, um Frentista, um Vigilante, um Pedreiro, uma Dona de Casa e dois Estudantes. Nas relações de força, podemos dizer que o mais rico ou aquele que é privilegiado por cargos públicos hierarquizados são beneficiados por um sistema judiciário falho e corrupto, e o pobre por sua condição social não tem voz e nem direitos, será por sua vez penalizado independente de sua inocência ou não, assim poderíamos afirmar que é falsa a ideologia de que somos todos iguais perante a lei, pois o que vale é a condição social do sujeito.

A polícia matou o estudante  
Falou que era bandido, chamou de traficante  
A justiça prendeu o pé-rapado  
Soltou o deputado e absolveu os PM's do Vigário.

O recorte a seguir retoma ideologias impostas pela sociedade. A sociedade é ao mesmo tempo refém e opressora de suas ideologias. O sujeito para ser aceito no meio social em que vive, precisa seguir regras. Ter um trabalho não é suficiente, exemplo disso é que uma empregada doméstica sofre preconceitos por estar nesta condição doméstica, trabalho por muita das vezes menosprezado, por outro lado uma executiva de uma grande empresa é admirada por estar na condição de executiva. Esse é o papel da ideologia dominante (burguesa): fazer com que as pessoas não se apercebam de que elas estão divididas em classes, tornando assim, muito mais fácil a dominação. A ideologia trabalha febrilmente, no sentido de homogeneizar a sociedade. Um dos chavões preferidos da ideologia dominante é de que 'as oportunidades são iguais para todos', se fosse assim, por que temos tanta desigualdade social? Por que o menino pobre de escola pública não consegue ingressar a universidade em cursos considerados de alto escalão como medicina e direito? Por que existem cotas nas universidades para negros? Somos levados a crer que as ideias é que

‘puxam’ a história, porque a ideologia dominante alienou o homem, atribuindo sua origem social a forças alheias, superiores e independentes da sua, como a natureza, o destino, o Estado, entre outros.

Acordo num tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar  
O cara me pede diploma, num tenho diploma, num pude estudar  
E querem que eu seja educado, que eu ande arrumado que eu saiba falar  
Aquilo que o mundo me pede não é o que o mundo me dá

A televisão é considerada um dos veículos de comunicação mais populares, pois tem o poder de lançar mão de diversos mecanismos e estratégias que envolvem aspectos verbais, visuais e sonoros. Com esse poder que lhe foi delegado por tais aspectos, gerou uma ambivalência de opiniões a seu respeito, como cita Kehl a TV “[...] emburrece, aliena, hipnotiza, vicia e transmite ao vivo imagens de guerra como ‘espetáculo excitante’”. (KEHL, 1991, p. 60).

Entre as tipologias do gênero midiático televisivo, a propaganda constitui importante produto cultural, tanto por nos emocionar, chocar, divertir ou atrair, quanto pela regularidade com que eles são exibidas nos intervalos entre programações, o que aumenta o seu poder de persuasão, sendo assim há uma alienação gerada pelas mídias, fazendo com que o sujeito pense somente o que lhe é permitido pensar, conforme é citado no recorte abaixo:

A programação existe pra manter você na frente  
Na frente da TV, que é pra te entreter  
Que pra você não vê que o programado é você

Nas últimas décadas, houve o barateamento relativo e a facilidade técnica de se adquirir o que é necessário para se ter acesso doméstico à TV. As grandes empresas e os governos sempre demonstraram interesse em ter como se dirigir à população, do mesmo modo e ao mesmo tempo.

Desta forma os brasileiros, em sua maioria, são vistos como pessoas que se contentam com muito pouco, e principalmente com o que lhes é dado nas mãos, sem que tenham que fazer nenhum simples esforço. E como o que vem fácil não é valorizado, as pessoas tendem a relaxar e a esperar tudo de mão beijada, como se um dia todas as suas necessidades fossem cair do céu, podemos afirmar isso pelas várias formas com que vemos o governo tentando ‘comprar’ o seu eleitorado, criando assim, o ‘bolsa família’, o ‘bolsa escola’, etc., como sendo mais fácil alienar o seu eleitorado do que lhe oferecer uma educação de qualidade e assim torná-los cidadãos mais críticos.



## 5 CONCLUSÃO

A educação para cidadania e para o exercício dos direitos é imprescindível para a consolidação do estado democrático brasileiro. Somente com o acesso à educação e a garantia na qualidade do processo de aprendizagem é que poderemos ter crianças formadoras de opinião, que buscam os seus direitos e que sabem impor suas ideias diante da sociedade que cada vez mais exige um nível maior de conhecimento. Talvez assim, seja uma forma de voltar ao tempo em que a música foi lançada, onde tínhamos a presença dos jovens nas ruas lutando pelos seus direitos e o direito de todas as classes menos favorecidas do nosso país.

Atentamos ao fato do homem ser sujeito da própria história, capaz de transformar o mundo a partir da tomada de consciência, reunindo essas duas concepções: tudo se passaria como, se percebendo a dominação, a força do outro, o sujeito pudesse lutar e chegar, talvez um dia, à condição paradisíaca de sujeito uno, pleno de poder, poder qual só é capaz de se obter a partir do momento que ele tem domínio da sua voz dentro da sociedade.

Sabemos pois, que tal tarefa não é fácil, acreditamos, portanto, que somente por meio de uma educação de qualidade, no qual o aluno é visto como sujeito pensante, capaz de transformar sua história, poderemos vislumbrar mudanças para uma sociedade mais justa, menos corrupta e igualitária.

### **THE ANALYSIS OF APPLIED SPEECH IN THE LETTER OF MUSIC 'ATÉ QUANDO?' OF GABRIEL THE THINKER**

#### **ABSTRACT<sup>2</sup>**

This article consists in a brief study of the theory of Discourse Analysis which aims to analyze a song called **Até Quando?** from rapper Gabriel the Thinker. We will focus to the aspects of music, as ideology and interdiscursivity, constituent elements of a direct discourse, whose intention is the persuasion of the receiver individual, the a displacement of the comfortable place to a place where he be it producer of the history and not a social product manipulable. The speech of Gabriel inquires about the discursive locus of individuals, and makes with the character hears his music reflects his social role.

---

<sup>2</sup> Transcrição realizada pelo aluna Joseane Silva Pinto, do Curso de Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa e revisão pela professora Catichilene Gomes de Sousa (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).



**Keywords:** Discourse Analysis. Ideology. Interdiscursivity. *Rap*. Eni Orlandi.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 4.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991

CARNEIRO, Eduardo Araújo; CARNEIRO, Egina Carli de Araújo Rodrigues. **Notas introdutórias sobre a análise do discurso**: parte 4 – Fundamentos da Análise do Discurso. Publicado em 11.07.2007. Disponível em: < <http://www.duplipensar.net/artigos/2007s1/notas-introductorias-analise-do-discurso-fundamentos.html>> Acesso em: 07 set. 2011.

FERNANDES, Cleudemar. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas: 2005.

KEHL, M.R. A razão depois da queda (utopias e psicanálise). In: H.R. Fernández (Org.). **Tempo do Desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 6.ed. São Paulo: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. São Paulo: Pontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4.ed. Campinas: Pontes, 2003

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1995 [1975].

PENSADOR, Gabriel. **Até Quanto**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/ate-quando.html#ixzz1YL8sxQo4>>. Acesso em: 18 set.2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Gabriel e o 'Rap' Pensador**. 2001. Disponível em: <<http://www.gabrielopensador.com.br/dicas/txt01.htm>>. Acesso em: 25 set. 2010.

SOUSA, Ana Caroline. **Análise do discurso aplicada em charges e cartuns políticos**. Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários. Patos de Minas: UNIPAM, (1): 39-48, 2008.